



A CORRUPÇÃO DE CARÁTER SOB A ÓTICA DO FANTÁSTICO: UMA ANÁLISE DE “SEMINÁRIO DOS RATOS” DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Ana Maria Zanoni da Silva¹

RESUMO:

A abordagem das relações entre literatura e história pode ser de dois tipos. Um em que se efetuam análises comparativas entre literatura e história, por meio do estudo da interação da obra com o seu contexto histórico, para mostrar a apropriação da temática histórica pela literatura. E outro, no qual não se privilegiam ficções que façam alusão a situações históricas ou situam a intriga em um momento histórico, mas aquelas que tomam uma realidade do universo histórico, transformando-a em parte integrante da estrutura interna, ou seja, em realidade estética (FREITAS, 1986). Temas universais constituem o fio condutor de muitas narrativas, nas quais o escritor insere na trama elementos propícios à rerepresentação do real, trazendo à tona aspectos do caráter humano nem sempre explicáveis. Por isso, é necessário compreender os arranjos estéticos utilizados pelo escritor para transformar aspectos da realidade histórica em ficção, pois a arte não busca representar o real ou fornecer a confirmação de saberes adquiridos por outros meios, mas o transfigura. A transfiguração ocorre por meio de escolhas estéticas que possibilitam a inserção, no campo visual do leitor, de elementos que suscitem diferentes efeitos, como medo, terror, suspense etc. Ao abordar a obra de Lygia Fagundes Telles, no “Posfácio” da coletânea intitulada *Seminário dos ratos* (2009), Castello (2009, p.113) afirma que os contos “[...] desenham uma difícil relação entre o homem e o poder”. E, embora a obra tenha sido escrita durante o regime militar, a leitura apenas pela ótica metafórica do contexto “empobrece a literatura de Lygia, que não é um simples retrato do mundo, e sim uma escavação sutil sob a crosta da existência”. Tal afirmação mostra a necessidade de se atentar para o arranjo estético das narrativas, por meio do qual Telles (2009) insere elementos estéticos favoráveis à rerepresentação do real e revela diferentes aspectos do caráter humano. Neste sentido, busca-se analisar o conto “Seminário dos ratos” à luz dos estudos de Todorov (1975), Vax (1974) entre outros, e contrastar a análise com as afirmações do economista norte-americano Robert Klitgaard (2015) sobre a corrupção no Brasil, para demonstrar como Telles, valendo-se de elementos propícios ao fantástico como a ambiguidade e a metamorfose, instaura a atmosfera fantástica e mostra o quão corruptível é o caráter humano, o quanto o real é ficcional e revela que a ficção pode anteceder a realidade.

Palavras-chave: Telles; Seminário dos Ratos; corrupção; fantástico; transfiguração.

ABSTRACT:

The approach of the relationship between literature and history can be of two types. One in which do a comparative analysis between literature and history, through the study of the work's

¹ Doutora em Estudos Literários pela FCLAR/UNESP – Araraquara /SP e Professora do IMESB- Instituto Municipal de Ensino Superior de Bebedouro/SP.



*interaction with its historical context, to show the appropriation of the historical theme by literature. And another, in which fictions that do not allude to historical situations or place intrigue in a historical moment, but those that take a reality from the historical universe, transforming it into an integral part of the internal structure, that is, in reality aesthetics (FREITAS, 1986). Universal themes constitute the guiding thread of many narratives, in which the writer inserts elements that are propitious to the re-presentation of reality, bringing to light aspects of the human character that are not always explainable. Therefore, it is necessary to understand the aesthetic arrangements used by the writer to transform aspects of historical reality into fiction, since art does not seek to represent the real or provide confirmation of knowledge acquired by other means, but it transfigures it. The transfiguration occurs through aesthetic choices that allow the insertion, in the reader's visual field, of elements that elicit different effects, such as fear, terror, suspense, etc. When addressing the work of Lygia Fagundes Telles, in the "Posfácio" of the collection entitled *Seminário dos ratos* (2009), Castello (2009, p.113) affirms that the tales "[...] draw a difficult relationship between man and the power". And, although the work was written during the military regime, reading only through the metaphorical perspective of the context "impoverishes Lygia's literature, which is not a simple portrait of the world, but a subtle excavation under the crust of existence". Such statement shows the need to pay attention to the aesthetic arrangement of the narratives, through which Telles inserts aesthetic elements favorable to the re-presentation of the real and reveals different aspects of the human character. In this sense, we seek to analyze the short story "Seminário dos ratos" in the light of the studies of Todorov (1975), Vax (1974) among others, and to contrast the analysis with the statements of the American economist Robert Klitgaard (2015) about the corruption in Brazil, to demonstrate how Telles, using elements favorable to the fantastic, like ambiguity and metamorphosis, establishes the fantastic atmosphere and shows how corruptible the human character is, how much the real is fictional and reveals that fiction can precede reality.*

Introdução

Compreender a relação existente entre o discurso histórico e o discurso ficcional tem sido objeto de teóricos e críticos literários, que visam explicar como o escritor constrói, na obra, as verdades históricas de seu tempo. Antônio Candido, por exemplo, em *Literatura e Sociedade* (1975), ao abordar a relação entre a criação ficcional e a realidade social, afirma não serem profícuas leituras que apenas revelem determinados aspectos sociais e, em seguida, mostrem a ocorrência deles na obra em análise. É necessário explicar como a realidade social transforma-se em componente da estrutura literária, de tal forma que ela possa ser estudada em si mesma, a fim de se compreender a função que a obra exerce.

Para Freitas (1986), há dois modos de abordagem das relações entre literatura e história: primeiro enfatiza-se a possibilidade de se assimilar a obra literária ao contexto histórico no qual



ela foi produzida, visando compreender a interação dela com seu contexto, por meio de análises comparativas entre a literatura e a história; ou busca-se descrever a apropriação da temática histórica pela literatura. O segundo modo não corresponde apenas às ficções que aludem situações históricas, nem de obras cujas intrigas situam-se num momento histórico que lhe serve de pano de fundo, mas trata-se daquelas que tomam uma realidade qualquer do universo histórico, como, por exemplo, um acontecimento, uma personagem ou situação, transformando-a em parte integrante de sua estrutura interna, ou seja, em realidade estética. Faz-se necessário, portanto, compreender os meios e as técnicas utilizadas para transformar aspectos da realidade histórica em ficção, uma vez que, a arte não busca representar o real, ou fornecer a confirmação de saberes que podem ser adquiridos por outros meios, mas o transforma, o transfigura. A transfiguração do real ocorre por meio da escolha de procedimentos estéticos que possibilitam ao escritor inserir no campo visual do leitor elementos que suscitam diferentes efeitos, como medo, terror, riso, suspense etc.

Ao abordar a obra de Lygia Fagundes Telles, no “Posfácio” da coletânea de contos intitulada de *Seminário dos ratos* (1977), Castello afirma que os contos nela reunidos:

[...] desenham uma difícil relação entre o homem e o poder. O livro foi escrito e publicado durante os anos do governo de general Ernesto Geisel, quando a ditadura militar já arriscava passos modestos de distensão política. Sob a pressão das circunstâncias, os textos foram lidos na época como metáforas de uma realidade ainda obscura, mas que começava a se esgarçar. Essa redução, contudo, empobrece a literatura de Lygia, que não é um simples retrato do mundo, e sim uma escavação sutil sob a crosta da existência (CATELLO, 2009, p.113).

A afirmação chama atenção para a necessidade de se atentar para arranjo estético das narrativas, por meio do qual Telles insere, no campo visual do leitor, elementos estéticos favoráveis à rerepresentação do real e que permitem revelar diferentes aspectos do caráter humano. Esse processo despe os véus que mascara o lado menos vistoso do homem e revela sua dupla face composta por virtudes e vícios.

Neste sentido, este trabalho tem por objetivo analisar o conto, *Seminário dos Ratos* (1977), à luz das teorias do fantástico de Todorov (1975) e de Vax (1974) entre outros e, em seguida, contrastar a análise com as afirmações do economista norte-americano Robert Klitgaard – proferidas em uma entrevista concedida à revista VEJA (2427, 11 de maio, 2015), na qual ele analisa o fenômeno da corrupção no Brasil (2015) – a fim de demonstrar como Lygia Fagundes Telles, valendo-se da atmosfera fantástica, mostra a face corrupta do homem e revela o quão ficcional é o real, bem como o quanto a ficção antecipa e mostra o real.



2 Aspectos fantásticos na configuração do conto “Seminário dos Ratos”

Lygia Fagundes Telles é uma escritora brasileira de destaque no que diz respeito à narrativa fantástica e no conto “Seminário dos Ratos” (1977), por meio da trama envolta em uma atmosfera fantástica, mostra que a corrosão de caráter de autoridades públicas pode alcançar proporções demasiadas a ponto de rebaixá-las à categoria de animal.

Ao trazer à tona aspectos da realidade política brasileira, tais como datas, referências a fatos históricos como a Revolução de 32, o Golpe de 64 e denominações de cargos públicos, Telles situa a realidade ficcional no cenário político brasileiro do século XX, e explora a corrosão de caráter ao configurar a narrativa apoiada sobre a realização de um seminário, no qual autoridades corruptas buscam uma forma de acabar com ratos. Trata-se afinal de um seminário para discutir métodos para erradicar roedores que “se transforma, lentamente, em um encontro gerido pelos próprios ratos. As posições do mundo, Lygia nos sugere, não são estáveis” (CASTELLO, 2009, p.114).

O estranhamento referente à desestabilidade do real é introduzido no início da trama por meio da citação intertextual dos últimos versos do poema *Edifício Esplendor* de Carlos Drummond de Andrade, presentes na epígrafe do conto: “Que século, meu Deus! — exclamaram os ratos e começaram a roer o edifício” (DRUMMOND, apud TELLES, p.99). No poema a suntuosidade e a pompa do edifício considerado esplendoroso contrastam com a forma de vida desumanizada de seus moradores, uma vez que “Se acabaram os homens /Ficaram apenas tristes moradores”, ou seja, os habitantes do local foram despedidos de suas características e reduzidos ao estatuto de moradores. E no final, os ratos, que lá habitam, se humanizam e adquirem a capacidade de falar e roem o edifício.

Ao recorrer à intertextualidade, Telles insere o leitor em outro universo e também instaura a ambiguidade que permeia a trama, pois o título do conto, Seminário dos Ratos, associado à epígrafe instauram uma fissura entre o real e imaginário, e será nesse espaço fronteiriço que a trama será tecida. A ambiguidade instaurada em torno do nome do evento vem à tona e se mantém ao longo da narrativa, pois cabe ao leitor indagar se seria um seminário para debater formas de acabar com roedores ou um evento composto por “ratos”.

Uma das escolhas estéticas utilizadas por Telles é a caracterização das personagens, as quais são nomeadas em consonância com os cargos por elas ocupados, tais como: Chefe das Relações Públicas, Secretário do Bem estar Público e Privado, Diretor das Classes Conservadoras Armadas e Desarmadas, Cozinheiro Chefe etc. Essa escolha serve de ponto de



contato entre o discurso ficcional e o real, mostra o conflito entre essência e aparência por evidenciar a redução do ser perante a posição por ele ocupada na sociedade, bem como revela o quão irreal é a vida em sociedade.

A irrealidade se deixa ver no decorrer da narrativa, por exemplo, por meio da inaptidão do Secretário do Bem-Estar Público e Privado para o cargo que ocupa, uma vez que lhe cabe o papel de cuidar do bem estar de todos, mas ele não cuida nem mesmo de si. Está com gota, doença que o impede de calçar sapatos e o afasta dos demais participantes do seminário, como se constata neste trecho: “Por que não apareci ainda, por quê? Porque simplesmente não quero que me vejam indisposto, de pé inchado, mancando. Amanhã calço o sapato para a instalação, de bom grado faço esse sacrifício” (TELLES, 2009, p.100). Considerando a simbologia que a imagem do pé encerra, ou seja, de senso de realidade devido ao fato de ser o ponto de contato com o chão, bem como de poder e de comando tal como afirmam Chevalier e Gheerbrant (1995, p.826), o pé acometido por gota, mostra o quão distante do real está o Secretário, bem como o falso senso de poder que o anima.

Ironicamente, embora o evento busque uma forma de exterminar ratos, as atitudes das autoridades presentes revelam os aspectos negativos que a imagem do rato encerra como ganância, parasitismo, apropriação fraudulenta, avidez, o medo etc. A face corrupta das autoridades fica evidente, por exemplo, na passagem em que o Chefe das Relações Públicas informa ao Secretário do Bem estar Público e Privado sobre os questionamentos da imprensa referentes aos exagerados gastos com a reforma de uma velha casa de campo, localizada nos arredores da cidade e escolhida para abrigar o seminário.

Por que instalar o VII Seminário dos Roedores numa casa de campo, completamente isolada? Essa a primeira indagação geral. A segunda é que gastamos demais para tornar esta mansão habitável, um desperdício quando podíamos dispor de outros locais já prontos. O noticiarista de um vespertino, marquei bem a cara dele, Excelência, esse chegou a ser insolente quando rosnou que tem tanto edifício em disponibilidade, que as implosões até já se multiplicam para corrigir o excesso. E nós gastando milhões para restaurar esta ruína (TELLES, 2009, p.152). Grifo nossos.

Ao se referir ao processo de criação literária de Telles, Castello afirma que: “Desde os primeiros rascunhos, Lygia Fagundes Telles tem consciência dos laços arbitrários e invisíveis que atam a experiência humana. Escrever, para ela, é manipular esses nós, que ali estão não tanto para amarrar, mas para perverter e desestabilizar os rumos da vida comum” (CASTELLO, 2009, p. 112). E, no conto em apreço, os laços referentes à experiência humana estão ligados à corrupção de caráter e, sendo assim, as autoridades, futuras vítimas do ataque dos ratos, encarnam os atributos dos roedores, pois, embora busquem exterminar os ratos devido ao horror



que eles causam, elas também se nutrem das artimanhas desse animal, para obterem vantagens. Segundo Vax, “nas narrativas fantásticas monstro e vítima encarnam estas duas partes: os nossos desejos inconfessáveis e o horror que eles nos inspiram” (1974, p.14). O horror que a imagem do rato encerra não está restrito aos atributos que lhe são conferidos como animal maléfico, propagador da peste, do roubo, da miséria e da fraude, mas também ao fato de a imagem demonstrar que o ladrão é a alma que, sob o véu da ilusão, obtém lucro das alegrias aparentes de ser, como afirmam Chevalier e Gheerbrant (1995, p.870). Ao valer-se de cargos públicos para obterem lucros, tais autoridades se vangloriam dos atributos maléficos dos quais se valem para retirar do povo o essencial à sobrevivência.

O rebaixamento do homem a categoria de animal se faz notar na caracterização das personagens, como, por exemplo, o jornalista que rosna contra o desperdício de dinheiro público e o Diretor das Classes Conservadoras Armadas e Desarmadas que fareja no ar o cheiro dos ratos, pois ambos, por meio de suas ações, recebem atributos caninos. A metamorfose de ratos em humanos fica evidente na passagem em que o Cozinheiro relata ao Chefe das Relações Públicas a invasão dos ratos à cozinha, afirmando que um deles “ficou de pé na pata traseira e me enfrentou feito um homem. Pela alma da minha mãe, doutor, me representou um homem vestido de rato!” (TELLES, 2009, p.106).

A irrupção do sobrenatural enunciada na epígrafe se concretiza na figura do rato que imita o homem na ação de “enfrentar o oponente”, porque a “personagem fantástica é, pois, o homem que abandonou a humanidade para se aliar a fera” (VAX, 1974, p. 19). A inversão de papéis mostra não só o homem abandonando seu caráter para aliar-se ao rato, mas também o rato se metamorfoseando em humano para agir como homem, uma vez que, “há, no animal fantástico não só um regresso à selvageria, mas a perversão de um estado superior” (VAX, 1974, p. 34). Ao retratar o lado corrupto dos ratos e a contaminação desses animais pelas mazelas humanas, Telles tece a narrativa apoiada na fronteira tênue entre o fantástico e a explicação racional e mostra a presença do animal no homem e do homem no animal.

O caráter fraudulento, presente na imagem do rato, se deixa ver por meio da manipulação de informações em prol aos interesses das autoridades, o qual se faz notar durante o diálogo entre o Chefe das Relações Públicas e o Secretário do Bem-Estar Público e Privado sobre um esquema para disseminar informações e influenciar a mídia e o público: “Boa tática, meu jovem, é influenciar no começo e no fim todos os meios de comunicação do país. Esse é o objetivo” (TELLES, 2009, p.152).



O descaso, a fraude e o parasitismo das autoridades que exploram as péssimas condições de vida da população vêm à tona por meio da crítica feita pela imprensa à repetição de um evento, que já fora realizado por seis vezes e não solucionou o problema.

Mas são essas as críticas mais severas, Excelência. Bisonhices. Ah, e aquela eterna tecla que não cansam de bater, que já estamos no VII Seminário e até agora, nada de objetivo, que a população ratal já se multiplicou sete mil vezes depois do I Seminário, que temos agora cem ratos para cada habitante, que nas favelas não são as Marias, mas as ratazanas que andam de lata d'água na cabeça - acrescentou contendo uma risadinha (TELLES, 2009, p. 151).

Ao mencionar parte da letra da marchinha de carnaval Lata D'Água, de autoria de Joaquim Antônio Candeias Junior, Telles estabelece um ponto de contato entre o discurso ficcional e a história brasileira, uma vez que a canção retrata o sofrimento dos moradores do morro que sonham em viver no asfalto. No morro, homens e ratos coabitam o mesmo espaço à margem da sociedade. E, o riso contido do Chefe das Relações Públicas demonstra o descaso com a população. Ao longo da trama, ainda são mencionados fatos históricos como “Revolução de 32” e o “Golpe de 64” e o refrão da canção Gota d'Água, referências estas que inscrevem a narrativa numa realidade extratextual reconhecível, ou seja, os anos em que país viveu sob o regime militar. Embora haja referencia explícita ao período de ditadura militar, a atualidade do conto se mantém, uma vez que a trama narrativa não explora apenas o período histórico, mas debrusa-se sobre ele para captar o lado corrupto do homem, o qual se mostra atemporal.

O cenário composto por uma casa de campo isolada é um espaço propício à irrupção do sobrenatural. Não se trata do castelo mal assombrado, mas um local isolado do mundo e ornamentado com toques de requintes e luxo, como piscina térmica, aeroporto e alimentos caros. Esse espaço reúne autoridades cujo alheamento de caráter se deixa ver, por meio da ambiguidade sobre o embate entre homens e ratos. Nesse encontro, a hesitação, apontada por Todorov (1975) como uma das características essenciais ao fantástico, se faz notar durante a cena em que o Secretário Bem-Estar Público e Privado diz ouvir barulhos semelhantes ao barulho do mar ou de um vulcão, porém o Chefe das Relações Públicas nada ouve. “– Eu não disse, [...]. – Nunca me enganei, nunca! Já faz horas que estou ouvindo coisas, mas não queria dizer nada, podiam pensar que fosse delírio. Olha aí agora! Parece até que estamos em zona vulcânica, como se um vulcão fosse irromper aqui embaixo” (TELLES, 2009, p.104).

A cena instaura o mistério em torno do que ou de quem estaria produzindo os barulhos e o tremor no assoalho, bem como inicia a segunda sequência narrativa, na qual o narrador extradiegético, por meio do discurso direto, relata as conversas do Chefe das Relações Públicas



com as demais personagens, em busca de respostas ao estranhos fatos e barulhos. A opção por uma voz extradiegética associada à narração em cena, desenvolvida por meio do discurso direto, mostra as personagens contando suas próprias vivências, ou seja, elas se convertem em narradores autodiegéticos, cabendo ao narrador primeiro apenas a função de narrar o que lhe fora reportado. E, o relato das personagens sobre os fatos inusitados intensifica a hesitação experimentada pelo Chefe das Relações Públicas que, ao ter um pedaço de sua calça arrancado por uma dentada, corre para cozinha e se esconde dentro da geladeira, como se constata no trecho abaixo:

No rigoroso inquérito que se processou para apurar os acontecimentos daquela noite, o Chefe das Relações Públicas jamais pôde precisar quanto tempo teria ficado dentro da geladeira, enrodilhado como um feto, a água gelada pingando na cabeça, as mãos endurecidas de câimbra, a boca aberta no mínimo vão da porta que de vez em quando algum focinho tentava forcejar (TELLES, 2009, p.155).

O ato de se esconder na geladeira é uma metáfora do modo como autoridades, ao estarem envolvidas em situações desfavoráveis, agem para saírem dos holofotes até que os fatos ou acusações caiam no esquecimento do povo. A posição de feto do Chefe das Relações Públicas dentro da geladeira mostra a busca por um lugar seguro e fora do alcance dos acontecimentos externos e, ao mesmo tempo, sugere o retorno às origens.

O final da narrativa ocorre por meio de um sumário, no qual o narrador informa que o Chefe das Relações Públicas não sabia por quanto tempo ficara dentro da geladeira e que ao sair constatou que da casa restavam as paredes e a escuridão. O suspense é mantido, pois, o narrador afirma que o Chefe das Relações Públicas ouviu um murmurejo secreto e rascante e “teve a intuição de que estavam todos reunidos ali, de portas fechadas” (TELLES, 2009, p. 107). A inserção do pronome indefinido “todos” reforça o suspense, pois não há como saber se ele se refere aos ratos ou aos convidados do evento.

O desfecho da trama ocorre à noite e corrobora com a atmosfera fantástica instaurada no início da narrativa, porque a noite propicia a entrada em um mundo distinto do habitual e povoado por seres que obedecem a outras leis, como afirma Molino (1980). Ainda por meio do sumário, o narrador informa que o Chefe das Relações Públicas: “Não se lembrava sequer de como conseguiu chegar até o campo, não poderia jamais reconstituir a corrida, correu quilômetros. Quando olhou para trás, o casarão estava todo iluminado” (TELLES, 2009, p.107-108). O final da trama remete ao início da narrativa, uma vez que a epígrafe abre as portas de acesso ao mundo inabitual, no qual os ratos estão metamorfoseados em humanos e os humanos em ratos. Esse mundo está circunscrito ao espaço do casarão, local do qual a personagem saíra.



A saída do espaço de irrupção do sobrenatural mostra o momento em que a personagem volta ao real e toma ciência do inexplicável, ou seja, como afirma Vax o fantástico ocorre quando homens como nós, que habitam o real, são “colocados de repente na presença do inexplicável” (1974, p.6).

3 Conclusões

Ao abordar o modo pelo qual ocorre a configuração do fantástico nos contos Telles que compõem a coletânea, cujo título homônimo ao da narrativa em apreço, Castello chama atenção para o fato de que ele “não está em coisas absurdas ou assombrosas, mas na maneira como somos capazes de nos cegar diante dos pequenos eventos da vida” (CASTELLO, 2009, p.115). E foi por meio de pequenos gestos e ações das personagens que Telles mostrou o inexplicável caráter humano e sua tendência à corrupção.

A atualidade do conto se faz notar, não somente por mostrar as mazelas que animam o caráter humano, mas também pelo fato de que, na narrativa, o Secretário Bem-Estar Público e Privado é contrário à vinda de um norte-americano, denominado Delegado de Massachusetts. Posicionamento este que ao ser contrastado com a análise do fenômeno da corrupção no Brasil, efetuada durante a entrevista concedida pelo economista norte-americano Robert Klitgaard à revista VEJA (2427, 13 de maio, 2015), mostra o desejo das autoridades em manter sob o véu da legalidade atitudes manipuladoras para acobertar ações corruptas, afinal, segundo o Secretário “Os ratos são nossos, as soluções têm que ser nossas. Por que botar todo mundo a par das nossas mazelas?” (TELLES, 2009, p.100).

Por outro lado, a comparação também mostra a face de irrealidade presente na teoria de Robert Klitgaard . Ao contrário dos envolvidos no seminário dos ratos, o economista norte-americano afirma ter encontrado uma fórmula matemática capaz de acabar com a corrupção. Sua fórmula mostra que a corrupção é decorrente do monopólio de uma atividade econômica (M), na qual poucas pessoas tem ampla discricionariedade (D) e um déficit de transparência(T), ou seja: $C = M + D - T$.

No conto em apreço, valendo-se da instauração de uma atmosfera fantástica, Telles mostra como a associação desses três fatores, isto é, poder econômico, poder decisório e ausência de transparência funcionam para subverter e instaurar outra ordem no real e, portanto, não se trata de “outro universo que se ergue em frente ao nosso, é o nosso que, paradoxalmente, se metamorfoseia, apodrece e se torna outro” (VAX, 1974, p. 24.).



A entrevista do economista mostra o quanto de ficção há no real, porque a fórmula, por ele criada, está voltada para a solução de problemas decorrentes de situações externas, ou seja, para o economista o comportamento corrupto não deriva de princípios morais ou éticos, porém, Telles mostra que a corrupção é um dos traços maléficos que integram o caráter humano. E, ao valer-se de uma atmosfera fantástica, por meio da imagem grotesca do homem metamorfoseado em rato e do rato em homem, bem como da referência a fatos históricos brasileiros, além de situar a trama em um espaço geográfico reconhecível, transforma um aspecto da realidade política brasileira – a corrupção – em componente da trama narrativa, mostrando a fissura de caráter, que embora minúscula, desvela a presença do inadmissível, ou seja, a presença do mal interior regendo o homem e, por conseguinte, o real.

Referências:

- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- CASTELLO, José. Lygia na Penumbra. Posfácio. In: **Seminário dos Ratos**. São Paulo: Companhia das letras 2009, p.112-117.
- FREITAS, Maria Teresa de. **Romance e História**. São Paulo: Atual 1996.
- GENETTE, G. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Vega, 1995.
- KLITGAARD, Robert. A corrupção será Derrotada. In: **VEJA**. Edição 2.425 de 13/05/2015. São Paulo: Editora Abril, 2015.
- TELLES, Lygia Fagundes. Seminário dos Ratos. In: **Seminário dos Ratos**. São Paulo: Companhia das letras, 2009, p. 99-107.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de M. Clara C. Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- VAX, Louis. **L'art et la Littérature Fantastiques**. Paris: Presses Universitaires de France, 1974.
- VAX, Louis. Motivos, temas e esquemas. Trad. Pierini, F. L. Revisão: Camarani, A.L.S. In: **La seduction de l'étrange**. Paris: PUF, 1965, cap. 3, p. 53-88.